

## A atitude fenomenológica em Husserl e a prática pedagógica

The Husserl's phenomenological attitude and the pedagogical practice

*La actitud fenomenológica en Husserl y la práctica pedagógica*

Valdir Borges – PUCPR  
Lucas Rehbein – PUCPR

### RESUMO

Este artigo estabelece relações entre a fenomenologia do filósofo e matemático alemão Edmund Husserl e a prática pedagógica na educação infantil. Na atitude natural a inserção no mundo se faz por meio da experiência sensível, isenta da reflexão e da análise; enquanto a atitude fenomenológica ultrapassa os fatos objetivos como única realidade, sendo uma atitude reflexiva e analítica sobre os fatos. Tal diferenciação entre a atitude natural e a atitude fenomenológica é tomada como apropriada para pensar a prática docente do educador que se depara com o universo da criança, repleto de seres fantásticos, metáforas, símbolos, ficção e faz-de-conta. A criança tem uma maneira própria de se relacionar com o mundo, permeada por objetos que não existem de modo concreto, mas que, apesar disso, não deixam de ser significativos. Destarte, problematizamos a atitude do educador perante uma criança que quer conversar sobre dragões ou que está fingindo ser uma fada. Ao finalizarmos este itinerário reflexivo, empreendemos discussões sobre o conceito de infância e sobre a questão e a função da fantasia na infância e na vida adulta.

**Palavras-chave:** fenomenologia; educação infantil; cultura infantil; fantasia.

### ABSTRACT

This article establishes relationships between the phenomenology of the German philosopher and mathematician Edmund Husserl and the pedagogical practice of early childhood education. In the natural attitude, insertion into the world is done through sensitive experience, free from reflection and analysis; while the phenomenological attitude goes beyond objective facts as the only reality, being a reflexive and analytical attitude about the facts. Such differentiation between the natural attitude and the phenomenological attitude is considered appropriate to think about the teaching practice of the educator who is faced with the child's universe, full of fantastic beings, metaphors, symbols, fiction and make-believe. The child has his own way of relating to the world, permeated by objects that do not exist in a concrete way, but, in despite of that, are still significant. Thus, we problematize the educator's attitude towards a child who wants to talk about dragons or who is pretending to be a fairy. As we conclude this reflective itinerary, we undertake discussions about the concept of childhood and the issue and function of fantasy in childhood and adulthood.

**Keywords:** phenomenology; child education; child culture; fantasy.

### RESUMEN

Este artículo establece las relaciones entre la fenomenología del filósofo y matemático alemán Edmund Husserl y

la práctica pedagógica de la educación de la primera infancia. En la actitud natural la inserción en el mundo se hace por medio de la experiencia sensible exenta de la reflexión e del análisis; mientras la actitud fenomenológica ultrapasa los hechos objetivos como única realidad, siendo una actitud reflexiva y analítica acerca de los hechos. Tal diferenciación entre la actitud natural y la actitud fenomenológica es tomada como apropiada a pensar en la práctica docente del educador que enfrenta el universo del niño, que es repleto de seres fantásticos, metáforas, símbolos, ficción y hace de cuenta. El niño tiene su propia forma de relacionarse con el mundo, impregnada de objetos que no existen de manera concreta, pero que, sin embargo, son importantes para él. Por lo tanto, problematizamos la actitud del educador hacia un niño que quiere hablar de dragones o que finge ser un hada. A medida que concluimos este itinerario reflexivo, emprendimos debates sobre el concepto de infancia y el tema y la función de la fantasía en la infancia y la edad adulta.

**Palabras-clave:** fenomenología; educación infantil; cultura infantil; fantasía.

## Introdução

Quem é o sujeito da educação infantil? Qual é o modo de ser que o caracteriza? Como ele percebe o mundo que o rodeia? Estas questões nos parecem primordiais ao pensarmos a prática pedagógica no contexto da educação infantil, tendo em vista que as crianças, em suas brincadeiras de faz-de-conta, muitas vezes, corporificam personagens como fadas e duendes, “Chapeuzinho Vermelho”, “Harry Potter” e “Goku”. De fato, os filmes, as animações e os contos infantis contribuem com a elaboração deste repertório de figuras que os adultos sabem que não existem. Mas a qual tipo de existência estamos nos referindo, ao dizermos que estes seres não existem? Certamente, independentemente de existirem enquanto seres concretos, esses personagens estão carregados de significado para as crianças e elas expressam isso nos seus desenhos, nas suas brincadeiras e conversas, o que faz parte do dia a dia da educação infantil.

Diante desse ambiente preenchido pela cultura infantil, surge o questionamento acerca da atitude do educador infantil. Como ele age e reage diante do universo infantil? Ele dialoga com a criança a partir das imagens, dos signos, das metáforas e dos símbolos que são significativos para ela? Ou ele entende que a cultura infantil é inferior e precisa ser, o quanto antes, suplantada pela cultura da vida adulta responsável e séria? Pensamos que é possível ao educador interagir com a criança, respeitando seu modo de vida e sua linguagem, desde que saiba reconhecer, nas fantasias infantis, verdadeiros objetos carregados de significado, valores, afetos e desejos, independentemente, de serem objetos concretos ou imaginários.

Para dirimir o problema exposto, partiremos da fenomenologia, para elucidar a distinção entre atitude natural e atitude fenomenológica, encontrando, nesta última, um ponto de apoio para intentarmos uma aproximação entre a fenomenologia e a prática pedagógica da educação infantil. A atitude fenomenológica permite ao educador aproximar-se do universo da criança, sendo este o meio no qual ela possui autênticas vivências que não se podem desqualificar

(fenomenologicamente) apenas por não serem vivências concretas, baseadas na visão de mundo proposta pelo objetivismo científico.

Em um primeiro momento, concentrar-nos-emos na compreensão da proposta da fenomenologia de Husserl, utilizando-nos de dois de seus textos: “A crise da humanidade europeia e a filosofia” (2002) e “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica” (2006). A fim de esclarecermos a discussão, utilizar-nos-emos dos comentários acerca da diferenciação entre a atitude natural e a atitude fenomenológica, elaborados por peritos em Edmund Husserl. Discorrendo sobre a fenomenologia, diferenciaremos a atitude natural da atitude fenomenológica. Após essa empreitada, refletiremos sobre o modo como a fenomenologia pode ecoar na prática pedagógica da educação infantil, fazendo uso de uma situação hipotética, envolvendo educador e aprendiz, numa sala de aula de educação infantil. Na última parte do texto, realizaremos uma breve discussão sobre a ideia de que somente a criança vive em um universo permeado pela fantasia, apontando para exemplos que demonstram que a vida adulta, também, está atravessada por vivências muito similares às que ocorrem na cultura infantil.

## **A atitude natural e a atitude fenomenológica**

A fenomenologia é fruto de uma empreitada iniciada por Edmund Husserl, no início do século XX, que visava alçar a filosofia ao estatuto de “ciência de rigor” (TOURINHO, 2010, p. 380), isto é, atribuir-lhe um método de investigação que lhe fosse característico. Em seu livro “A crise da humanidade europeia e a filosofia” (2002), originada de uma conferência proferida em Viena no ano 1935, o pensador aborda a questão da crise das ciências, que se desdobra na generalizada crise da sociedade ocidental: deterioração política e econômica, irracionalismo, crise cultural e falta de sentido. No texto supracitado, o filósofo pretende demonstrar que estes distúrbios estão enraizados no mau uso do conhecimento científico. Na perspectiva husserliana, as ciências do espírito, ou seja, as ciências humanas deveriam ser responsáveis por colaborar para a boa condução dos homens enquanto pessoas, na sua vida e agir pessoais que ocorrem dentro de comunidades (HUSSERL, 2002, p. 44). Todavia, não cumprem com sua função original, sendo o motivo desse descumprimento um insistente erro em relação à intenção de fundamentar as ciências humanas ou do espírito nas ciências naturais.

As ciências naturais, como a física, química, biologia e outras são fundamentadas no método experimental. Esse garantiu seu avanço e sucesso, desde a gênese da modernidade; mas será que a filosofia e as assim chamadas “ciências do espírito” deveriam se utilizar, também, da base empírica que assume os fatos físicos como critério de validade? O criador da fenomenologia demonstrará que tanto a filosofia, quanto as ciências do espírito deveriam estar apoiadas em um método que

está aquém do empirismo, pois não assume de antemão a *atitude natural* de onde partem as ciências naturais. Husserl defenderá, por isso, a volta às “coisas mesmas” (ZILLES *In* HUSSERL, 2002, p. 18), isto é, a abstenção do *objetivismo científico*, que reduz o mundo aos fatos empíricos. A fenomenologia promete ser um método rigoroso, que pode dar conta de todas as esferas da vida, porque não é empirista, mas, ao contrário, parte do *fenômeno*, ou seja, de tudo aquilo que é impelido por uma *consciência intencional*.

Husserl explica que o *mundo objetivo*, do qual as ciências naturais se ocupam, está contido no *mundo circundante*, sendo, este último, “um conceito que tem seu lugar exclusivamente na esfera espiritual” (HUSSERL, 2002, p. 46)<sup>1</sup>. É nessa esfera que o homem vive praticamente, ou seja, suas preocupações e seus esforços ocorrem no plano espiritual. Por conta disso, reitera: “[é] um absurdo considerar a natureza do mundo circundante como algo por si alheio ao espírito e então querer fundamentar, em consequência, a ciência do espírito sobre a ciência da natureza e fazê-la, assim, pretensamente exata” (2002, p. 46).

A ciência da natureza é uma atividade humana que nasce nas dependências do *mundo circundante vital*<sup>2</sup> (*Lebensumwelt*) e, conseqüentemente, se caracteriza como um derivado da forma espiritual da vida. O mundo circundante, por conta disso, não pode ser explicado pela ciência da natureza, mas é a ciência da natureza que deve ser explicada a partir de uma ciência puramente espiritual. O *objetivismo* seria a postura diante do mundo que confere relevância científica somente àquilo que é dado pela experiência sensível. As ciências naturais, ao tomarem o *mundo objetivo* como ponto de partida, cegamente, assumem pressupostos não demonstrados suficientemente: de que a realidade fatural existe e podemos conhecê-la. Esta seria a *atitude natural*, como nos explica Tourinho:

[o] ponto de partida de Husserl é o que ele próprio definiu como sendo a “tese do mundo”, isto é, a tese segundo a qual o que chamamos de “mundo” encontra-se aí, diante de nós, tudo isto que, da maneira a mais imediata e direta, nos é revelado por meio da experiência sensível: as coisas situadas em uma dimensão espaço-temporal, cada uma das quais com as suas propriedades, relações, etc. Trata-se do mundo que nos cerca, constituído de entes mundanos, diante dos quais podemos tomar atitudes variadas, quer nos ocupemos com eles, quer não. Vivenciamos, portanto, a todo instante, a chamada “tese do mundo”. Mas, se além da vivência dessa tese, fazemos *uso* dela, passamos, então, a exercer o que Husserl chamou de “atitude natural” (*natürliche Einstellung*). Na atitude natural, atribuo a mim um corpo em meio a outros corpos e me insiro no mundo por meio da experiência sensível. Admito, em tal atitude, sem que haja, ao menos, um exame crítico, a existência do mundo (concebido como “realidade fatural”), bem como a

<sup>1</sup> Espiritual no sentido fenomenológico da vida, em sua dimensão subjetiva, em que ocorrem vivências dotadas de sentido e significado.

<sup>2</sup> Também chamado “mundo da vida” (*Lebenswelt*), conforme o texto introdutório de Urbano Zilles (ZILLES *In* HUSSERL, 2002, p. 31).

possibilidade de conhecê-lo e, com isso, adoto, de certo modo, um “realismo ingênuo” (2010, p. 382).

Fernandes (2011) afirma que a crítica de Husserl ao *objetivismo científico* diz respeito ao reducionismo, positivismo e naturalismo. No que diz respeito ao reducionismo, “o psíquico mesmo, com toda a sua gama de vivências anímicas, é reduzido ao orgânico, isto é, ao biológico. E o biológico, com todo o dinamismo de sua vitalidade orgânica, é reduzido ao físico”. (2011, p. 42). Quanto ao positivismo, “a crítica de Husserl adverte na positividade e no positivismo da ciência moderna uma forma de consciência esquecida de si mesma. A ciência positiva é a ciência do ser, que se perdeu no mundo” (2011, p. 42). Já em relação à crítica ao naturalismo, Reale e Antiseri (2006) dizem que se refere à pretensão da ciência em dizer que somente a verdade científica é válida.

A única maneira de deixar a crise e a ingenuidade provocadas pelo *objetivismo* é a fenomenologia filosófica. “A fenomenologia é filosofia primeira que se liberta da clausura do mundo, anulando-o para descobrir na humanidade a liberdade de se transcender em direção a novos tempos” (HUSSERL apud REALE; ANTISERI 2006 p. 184). Este seria o verdadeiro método, necessário para transformar a filosofia em uma ciência de rigor, assim como para fundamentar as ciências humanas. A fenomenologia não deve partir da *atitude natural*, mas sim de uma *atitude fenomenológica* frente ao mundo.

A fenomenologia de Husserl pode ser entendida como um método que parte dos fenômenos puros<sup>3</sup>. Esses consistem em objetos intencionados pela consciência, sendo tudo aquilo que possui, por ela e nela, um sentido. Digamos que a realidade dos fenômenos é mais abrangente que a realidade dos fatos objetivos. Com isso, queremos dizer que a *atitude fenomenológica* não é reducionista como a *atitude natural*, em que costumamos assumir os fatos objetivos como única realidade possível, como destaca Tourinho:

[m]ovido por seu projeto filosófico de constituir a filosofia como ciência rigorosa, Husserl anuncia-nos explicitamente – em *A Ideia da Fenomenologia*

<sup>3</sup> Para maior esclarecimento sobre a concepção de fenômeno em Husserl, consideremos a explanação de Urbano Zilles, na introdução que precede o livro “A crise da humanidade europeia e a filosofia” (2002). De acordo com o referido autor, Husserl “deu novo significado à fenomenologia, encerrando o fenômeno no campo imanente da consciência. Husserl não nega a relação do fenômeno com o mundo exterior, mas prescinde dessa relação. Propõe a ‘volta às coisas mesmas’, interessando-se pelo puro fenômeno tal como se torna presente e se mostra à consciência. Sob este aspecto, deu um sentido mais subjetivo à palavra fenômeno, elaborando uma fenomenologia que faça, ela mesma, as vezes de ontologia. Segundo ele, o sentido do ser e do fenômeno são inseparáveis. A fenomenologia husserliana pretende estudar, pois, não puramente o ser, nem puramente a representação ou aparência do ser, mas o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. E fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja. Fenomenologia, no sentido husserliano, será, pois, o estudo dos fenômenos puros, ou seja, uma fenomenologia pura” (ZILLES *In* HUSSERL, 2002, p. 12).

(*Die Idee der Phänomenologie*), núcleo das “Cinco Lições” proferidas em abril-maio de 1907 na Universidade de Göttingen – que, com a fenomenologia, deparamo-nos com a proposta de uma nova atitude e de um novo método. A atitude fenomenológica consiste especificamente em uma atitude reflexiva e analítica, a partir da qual se busca fundamentalmente elucidar, determinar e distinguir o sentido íntimo das coisas, a coisa em sua “doação originária”, tal como se mostra à consciência. Trata-se de descrevê-la enquanto objeto de pensamento. Analisar o seu sentido atualizado no ato de pensar, explicitando as significações que se encontram ali virtualmente implicadas, bem como os seus diferentes modos de aparecimento na própria consciência intencional (2010, p. 381, grifo do autor).

A *consciência é intencional*<sup>4</sup> porque sempre se direciona a algo, isto é, a algum objeto, quer dizer, a um objeto “intencionado”. Existem diversos modos de atos intencionais da consciência, como explica Vieira:

[a] consciência pode, assim, multiplicar ao infinito seus modos de atingir algum objeto sem perder seu caráter intencional: ela pode visá-lo na percepção, figurá-lo numa fantasia, rerepresentá-lo na lembrança, desejá-lo ou avaliá-lo do ponto de vista estético, moral, dentre uma diversidade de modos possíveis de referência objetual (2016, p. 71).

Na atitude fenomenológica, os objetos não são, necessariamente, partes do mundo atestado pelos sentidos, mas, também, são assumidos como objetos (isto é, fenômenos) tudo o que figura na imaginação, pois perceber é um ato intencional, imaginar é um ato intencional, assim como valorar, desejar etc. Esse mundo de objetos possui a consciência e sua intencionalidade como critérios.

A *essência* de algo é aquilo que algo é em si mesmo, quer dizer, o *ser* de algo nele mesmo. Nos fenômenos estão implicadas suas essências, que consistem no significado que um determinado objeto assume para a consciência intencional do sujeito. Dessa forma, o *ser* é ser enquanto ser para o sujeito. Para que algo *seja* para alguém, não é necessário que haja um ato de percepção empírica (um ato intencional em específico). O ser é condicionado, isto sim, “pelos modos possíveis de acesso a ele (os atos intencionais)” (VIEIRA, 2016, p. 72). Acerca disso, Husserl explica que:

[o] *eidos*, a essência pura, pode exemplificar-se intuitivamente em dados de experiência, tais como percepção, recordação etc., mas igualmente, *também em meros dados de imaginação*. Por conseguinte, para apreender intuitivamente uma essência ela mesma e de modo originário, podemos partir

<sup>4</sup> Sobre o conceito de intencionalidade, parece pertinente esta explicação de Vieira: “todo estudo sobre a fenomenologia de Husserl deve abrir com a questão da intencionalidade. A escolha não é arbitrária. Já era admitido pelo próprio Husserl que a intencionalidade constitui o “tema capital da fenomenologia”. Atende pelo nome de *intencionalidade* “esta propriedade que têm os vividos ‘de serem consciência de alguma coisa’” (HUSSERL, 1950, p. 283). Ou seja, *toda consciência é consciência de algo*, não existe ato de consciência que não seja referido a algum objeto (2016, p.70, grifos nossos).

das intuições empíricas correspondentes, mas igualmente também de intuições não-empíricas, que não apreendem um existente ou, melhor ainda, de intuições “meramente imaginárias” (2006, p. 5).

Este último trecho de Husserl é especialmente significativo para nosso trabalho, pois, como o filósofo diz, a apreensão de uma essência, ou seja, de um *ser* para uma consciência intencional, também ocorre em objetos meramente imaginados, não provenientes do mundo empírico. Considerando isto, podemos perguntar: o que é um duende para um menino que brinca de fingir ser um?

### **Possíveis implicações da fenomenologia de Husserl na prática pedagógica da educação infantil**

Finalizadas as considerações acerca da fenomenologia e da diferenciação entre a *atitude natural* e a *atitude fenomenológica*, refletiremos, em seguida, sobre as possíveis implicações e colaborações dessas considerações na prática pedagógica da educação infantil, partindo de algumas observações acerca do universo da criança.

O universo da criança é permeado pelo faz-de-conta, pelas historinhas infantis, pelos personagens de desenhos animados e de filmes. A atividade lúdica está presente no cotidiano da criança e, segundo Pacheco, “é através dela que a criança recria uma realidade particular que lhe é própria, no seu mundo de “como se”, o mundo não real, o mundo da imaginação, onde predomina o animismo, o artificialismo, o antropomorfismo” (1995, p. 44). A infância costuma ser pensada como sendo por excelência o tempo em que se vive a fantasia. Para Corso e Corso:

[a] paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção. Observamos que, a partir dos quatro últimos séculos, quando a infância passou a ter importância social, as narrativas folclóricas tradicionais, os ditos contos de fadas, constituíram-se numa forma de ficção que foi progressivamente se direcionando para o público infantil (2006, p. 20).

Sendo assim, na educação infantil, o educador depara-se com a criança e o *imaginário infantil* (SARMENTO, 2003, p. 02) que ela carrega, construído pelo contato com outras crianças e por suas vivências particulares, influenciado e enriquecido pelos desenhos que assiste e pelas histórias que escuta. O *imaginário infantil* apropriado pela criança se sobrepõe ao contexto histórico-social em que está inserida, possibilitando-lhe viver em um mundo distinto do real. Segundo Sarmento (2003, p. 03), “o imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta”. A partir desse imaginário, a criança constrói seu mundo cultural.

Pensando nisso, faz-se mister definirmos *cultura infantil*, que é “a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação e de acção intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e acção” (SARMENTO, 2003, pp. 3-4). Isso demonstra que a criança é produtora de cultura, pois possui um sistema de representação social historicamente construído e materializado por meio de uma linguagem própria. Depreende-se daí uma indagação acerca de como o educador se relaciona com esse universo infantil, sobre como se poderia inserir nas dependências da *cultura infantil* (SARMENTO, 2003, pp. 6-7), dela se aproximando e com ela interagindo a partir de uma *atitude fenomenológica*, para que a criança também seja respeitada enquanto produtora de cultura.

Um adulto absorto na *atitude natural* poderá afirmar, de forma resoluta, que fadas e duendes não existem, factualmente, e que o Papai Noel é uma invenção, pois tais seres não se enquadram como objetos concretos e empíricos que ele já vivenciou pela percepção. Logo, está equivocado, porque não parece correto afirmar que coisas que nunca percebemos como objetos empíricos não existem. Por outro lado, também podemos dizer que nada nos autoriza a afirmar que algo que não percebemos, empiricamente, exista, factualmente. Suponhamos que esse mencionado adulto fosse um educador de educação infantil, que acabou de receber uma pergunta de seu aprendiz: “se um dragão beber água, apaga o fogo dele?” E imaginemos que ele responda: “ora, mas dragões não existem!”. Perceba que, neste exemplo hipotético, o educando não perguntou se o dragão existe ou não existe, sua pergunta foi outra. O educador, em uma *atitude natural*, compelido, talvez, por certo *objetivismo científico*, estava preocupado com a existência ou a não existência factual do dragão, enquanto a criança prescindia da comprovação científica da existência factual de dragões.

Mas e na *atitude fenomenológica*, o que é um dragão? O mesmo existe? Podemos dizer que somente a primeira pergunta seria relevante, na *atitude fenomenológica*, pois:

[a] especificidade de tal atitude faz da fenomenologia a “ciência clarificadora” por excelência. Já o método fenomenológico será, por sua vez, um método de evidência plena dos fenômenos. Também será, para Husserl, o método especificamente filosófico, cuja estratégia maior consiste, para o alcance de um grau máximo de evidência, no exercício da suspensão de juízo em relação à posição de existência das coisas. Tal exercício viabiliza, assim, a chamada “redução fenomenológica” e, com ela, a recuperação das coisas em sua pura significação, tal como se revelam (ou se mostram), enquanto objetos de pensamento, na consciência intencional (TOURINHO, 2012, p. 856).

Mesmo às pessoas que não acreditam que existam dragões concretos, o dragão continua sendo um objeto intencionado pela consciência, imbuído de sentimentos, desejos e valores. É um objeto carregado de sentido que emerge na



consciência assim que evocado por algum signo linguístico. O dragão, a fada, o Lobo Mau etc., sem dúvidas, estão carregados de sentido (significados, valores, sentimentos) para a criança que os desenha, conversa sobre eles ou finge ser um deles. Dessa forma, sugerimos que o educador de educação infantil, ao assumir uma *atitude fenomenológica* frente à *cultura infantil*, estará diante de verdadeiros objetos, independentemente do fato de existirem, empiricamente, ou não, podendo, assim, dialogar com a criança, sem presumir que as vivências dela são irrelevantes, mas percebendo que tais vivências da imaginação possuem sentido. Trata-se do educador infantil retornar ao modo de ser criança que prescindem do *objetivismo científico*. Em uma ótica construtivista, sabemos que a interação entre educador e aprendiz, professor e aluno, é fundamental para a aprendizagem deste último (NUNES E SILVEIRA, 2015, p. 83), porém, tal interação só seria possível na aproximação entre educador e aprendiz, conforme asseveram Barboza e Volpini:

[o] educador só consegue esse difícil compromisso de interação se participar desse mundo mágico infantil, para elas real e verdadeiro, não bastando apenas ficar olhando e intervindo nos momentos de brigas e atritos, deve entrar em contato com o lúdico, deixando sempre que elas dêem respostas a tudo aquilo que não se tem resposta, dentro de um mundo imaginário, onde tudo é possível: animais falam, carros voam, monstros assustam, árvores caminham (2015, p. 10).

A criança vive imersa na *cultura infantil* – seu mundo é povoado por personagens, seres mitológicos e pela ludicidade do faz-de-conta. Será que a cultura produzida *pela e para*<sup>5</sup> a criança é respeitada no contexto da educação infantil? Queremos, ao menos, dizer que poderia ser respeitada. Pacheco realiza importante crítica acerca da falta de valorização e do desrespeito para com a cultura infantil:

[e] quanto à escola, como nos posicionamos? Sempre em função do amanhã, do ingresso no mercado de trabalho. Daí a valorização do intelectual, em detrimento do lúdico, considerado "inútil" porque não gera dividendos. Preferimos a escola "gepetiana" onde não se fala de sonho e de esperança, onde os mitos de amor foram substituídos pelo mito do poder (1995, p. 48).

Sarmiento observa que abordagens da psicologia, principalmente o construtivismo e a psicanálise, tomaram como objeto de estudo o imaginário infantil, tendo, inicialmente, concebido-o "como a expressão de um *déficit*" (2002, p. 2), como se à criança faltasse algo que o adulto possui, já que, desde a modernidade, é costume pensar que "criança é o que não fala (*infans*), o que não tem luz (o *a-luno*), o que não trabalha, o que não tem direitos políticos, o que não é imputável, o que não

<sup>5</sup> "As culturas da infância constituem-se no mútuo reflexo de uma sobre a outra das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares" (SARMENTO, 2003, p. 07-08).

têm responsabilidade parental ou judicial, o que carece de razão etc” (SARMENTO, 2003, p. 2-3). Essa visão moderna de criança permite-nos entender a atitude de um adulto que, ao se deparar com a fantasia infantil, estabelece, de modo autoritário, que Papai Noel não existe, ou que a fada é invenção. Parece ser uma tentativa de exigir que a criança se enquadre no universo adulto, permeado pelo discernimento e controlado pela racionalidade objetiva que se impõe sobre a racionalidade simbólica do imaginário infantil.

No entanto, ao levarmos em consideração que o adulto também vivencia personagens, metáforas e mundos meramente imaginados (principalmente através de produções cinematográficas, da literatura e das séries) nos sentimos compelidos a questionar esta separação radical entre a forma de vida adulta e a forma de vida infantil. Haveria uma diferença *qualitativa* entre o faz-de-conta, tradicionalmente pensado como prática da criança, e uma festa a fantasia ou um encontro de *cosplay*<sup>6</sup>? E entre os contos de fadas e os universos fantásticos descritos nas obras de J.R.R. Tolkien<sup>7</sup> e George Lucas<sup>8</sup>? Ou, indo mais além, entre a crença em Papai Noel e a crença em anjos? Sarmiento elucidada:

[u]ma revisão recente dos conceitos psicanalíticos e construtivistas sobre o jogo simbólico, postula que, ao contrário da ideia de uma diferença radical entre jogo da criança e o jogo do adulto, por imaturidade infantil, o que existe é um princípio de transposição imaginária do real, que é comum a todas as gerações e se exprime, por exemplo, na experiência emocional das narrativas literárias ou cinematográficas, tanto quanto nas brincadeiras das crianças (2003, p. 03).

Nos dias hodiernos, podemos observar tendências teóricas, tanto no campo da psicologia, como da filosofia, que pretendem romper com as tradicionais visões dicotômicas que dividem corpo e mente, realidade e fantasia, ou, mesmo, criança e adulto. Jean-Jacques Rousseau é um dos refutadores das ideias iluministas de sua época que impunham à criança um modelo de racionalidade objetiva. Soëtard (2010), pesquisador da referida temática, afirma que: “Rousseau deixa de lado o conjunto das técnicas, rompendo com todos os modelos e proclamando que a criança não tem que se tornar outra coisa senão naquilo que ela deve ser” (p. 14). Os discursos que afirmam o adulto como racional e sensato e a ele contrapõem a criança inocente, envolvida em seu mundo de fantasia, ao nosso modo de ver, são inapropriados para descrever a complexa vida social em que estamos imersos.

<sup>6</sup> De acordo com o a tradução do termo no dicionário inglês-português Cambridge (2020, n.p), *cosplay* significa a “atividade de disfarçar-se ou fantasiar-se de personagem real ou ficcional”.

<sup>7</sup> Escritor de “O Senhor dos Anéis” (2001).

<sup>8</sup> Criador de “Star Wars” (2000) e “Indiana Jones e os caçadores da arca perdida” (1981).

Nesta esteira, a perspectiva husserliana ressalta que não há fundamentação para valorar a dicotomia existente entre o imaginário, o simbólico e o real. Todos estes campos são lócus privilegiados para a produção de cultura, seja ela infantil ou adulta. Os fenômenos da cultura e do imaginário infantil não são *meros produtos da imaginação*, mas plenificados de uma consciência intencional manifestada nas vivências de crianças e adultos, de velhos e de jovens, ao se revelarem como objetos plenos de significado para cada sujeito que os constitui.

## Considerações Finais

Percebemos que a fenomenologia é uma abordagem que pode contribuir com as reflexões acerca da educação infantil, bem como, colaborar com a prática pedagógica da educação infantil. A compreensão dos conceitos de *atitude natural* e *atitude fenomenológica* pode provocar uma reflexão sobre a prática pedagógica desses educadores e almejamos que se desdobrem em mudanças qualitativas na relação entre criança e educador.

Vimos que, na perspectiva fenomenológica os personagens fictícios, os mundos imaginados e o faz-de-conta não são meramente invenções irrelevantes que devam ser banidas e ignoradas no ambiente escolar. São objetos significativos, dotados de intencionalidade, por meio da *consciência intencional*. O *ser* não se restringe ao mundo empírico objetivo atestado pelos nossos sentidos, mas se amplia aos objetos da imaginação, do desejo, da valoração e de muitos outros matizes.

A criança merece ser respeitada em seu modo de ser, de compreender e de criar. A cultura que a criança produz e que consome deve ser respeitada nos espaços da educação infantil, pois a criança é o eixo em torno do qual gira o processo ensino-aprendizagem. Por conseguinte, dizer a uma criança, autoritariamente, que “fadas não existem!” é uma violência, pois se ridiculariza e se inferioriza algo que para ela possui sentido e significado.

A fantasia constitui uma dimensão da vida humana, presente não apenas na infância, mas eclodindo de distintas maneiras na vida adulta. Um desafio que nos exaspera nos dias hodiernos é a superação das tradicionais visões dicotômicas que tendem a simplificar o mundo, promovendo, em um primeiro momento, a divisão das coisas em duas categorias, para, em seguida, inferiorizar e submeter uma delas à outra, como, por exemplo, durante muito tempo, tem sido o caso da criança em relação ao adulto. Nosso itinerário investigativo visou à aproximação e à conciliação dos universos infantil e adulto, especialmente no que tange à dimensão constitutiva da vida humana, que é a fantasia, contrária a qualquer subdivisão e simplificação concernentes aos dois mundos.

## Referências

BARBOZA, Letícia; VOLPINI, Maria Neli. O faz de conta: simbólico, representativo ou imaginário. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, v. 2. n. 1, p. 1-12, abr. 2015. Disponível em:

<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200208.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

CORSO, Diana Liechtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*. São Paulo: Artmed Editora S. A., 2016. 309p.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/cosplay>. Acesso em: 17 ago. 2020.

FERNANDES, Marco Aurélio. Fenomenologia e crítica à ciência. *Anais do IV congresso de Fenomenologia da região centro-oeste*, Volume 1, Número 1. Goiânia: NEPEFE/FE-UFG, 2011.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Introdução e Tradução de Urbano Zilles. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 96p.

HUSSERL, Edmund. A ingenuidade da ciência. *Scientiae studia*, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 659-667, dez. 2009.

HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. 17 p. Disponível em: <http://www.ruipaz.pro.br/fenomenologia/husserl.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

INDIANA JONES e os caçadores da arca perdida (Raiders of the Lost Ark). Direção: Steven Spielberg. Roteiro: Lawrence Kasdan, George Lucas e Philip Kaufman. Produção: Frank Marshall e Howard Kazanjian. Produção executiva: George Lucas e Howard Kazanjian. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1981. 1 DVD. (115 min.).

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. *Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico*. 2. ed. Curitiba: InterSaberes, 2015. 272p.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. *Psicologia da aprendizagem*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 122p.

PACHECO, Elza Dias. A linguagem televisiva e o imaginário infantil. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v. 2, n. 2. p. 43-48, jan./abr. 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36133/38853>. Acesso em: 23 nov. 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. Edmund Husserl e o movimento fenomenológico. In REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. São Paulo: Paulus, 2006, pp. 179-200.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, jul./dez. 2003. Disponível em: [http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf). Acesso em: 23 nov. 2018.

SOËTARD, Michel. *Jean-Jacques Rousseau*. Tradução: Verone Lane Rodrigues Doliveira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 97p.

STAR WARS: Episódio I – Ameaça Fantasma (Star Wars Episode I, Phantom Menace). Direção: George Lucas. Roteiro: George Lucas. Produção: LucasFilm/Rick McCallum. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2000. DVD. (136 min.).

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel*. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pisetta; Revisão técnica e consultoria Ronald Eduard Kyrmse; coordenação Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1211p.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. Fenomenologia e ciências humanas: a crítica de Husserl ao positivismo. *Aurora*, Curitiba, v. 22, n. 31, pp. 379-389, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/2497/2401>. Acesso em: 23 nov. 2018.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, pp. 852-866, set/dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8224/5976>. Acesso em: 23 nov. 2018.

VIEIRA, Marcelo Rosa. Sobre uma ontologia do imanente e do transcendente em Edmund Husserl. *Revista Primordium*, v.1, n.2, p. 69-83, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/39057/20638>. Acesso em: 23 nov. 2018.

ZILLES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. In HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Introdução e Tradução de Urbano Zilles. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCPR, 2002. pp. 6-42.

Recebido em: 20/9/2019.

Aceito em: 28/08/2020.

## Valdir Borges

Doutor em Educação, Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR e Professor do Curso de Filosofia da Escola de Educação e Humanidades da PUCPR. Participa do Grupo de Formação de Gestores das Escolas do Paraná, ligado ao Programa de Pós-graduação em Educação da PUCPR. Seus estudos estão nucleados pela inter-relação entre ética e educação em Paulo Freire. Também

pesquisa ética e lógica em Wittgenstein, o pensamento de Hanna Arendt e a temática dos Direitos Humanos. Contato: [valdirb@hotmail.com](mailto:valdirb@hotmail.com)

### **Lucas Rehbein**

Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR, Especialista em Educação Infantil pela UNIFACEAR, Licenciado em Filosofia pela PUCPR e Professor de Filosofia e Sociologia no Colégio João Paulo I. Seus estudos se concentram na questão da arte a partir dos pensamentos de Schopenhauer, Nietzsche e Freud, na fenomenologia, e no vínculo entre arte e educação. Contato: [lucas\\_rehbein@hotmail.com](mailto:lucas_rehbein@hotmail.com)